

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
GESTÃO DE COOPERATIVAS**

**UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA
PARA A CESPOL**

Trabalho de Conclusão de Curso

Daniela Fonseca da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA PARA A CESPOL

Daniela Fonseca da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Gestão de
Cooperativas do Colégio Politécnico da UFSM, como requisito parcial
para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

Orientador: Prof.^a Márcia Lenir Gerhardt

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM
GESTÃO DE COOPERATIVAS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA PARA A CESPOL

elaborado por
Daniela Fonseca da Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Márcia Lenir Gerhardt, Dr.^a
(Presidente/Orientadora)

Sicrano, Dr. (UFSM)

Beltrano, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 20 de novembro de 2014

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Colégio Politécnico da UFSM
Universidade Federal de Santa Maria

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA PARA A CESPOL

AUTOR: DANIELA FONSECA DA SILVA
ORIENTADOR: MÁRCIA LENIR GERHARDT
Santa Maria, 20 de novembro de 2014

Este artigo teve como objetivo propor uma alternativa de projeto de Educação Cooperativa à Cooperativa dos Estudantes do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, a CESPOL, considerando a relevância da temática, Educação, Educação Cooperativa e identificação que se estabelece entre cooperativa e seus associados. A pesquisa utilizou uma metodologia de cunho qualitativo com levantamento bibliográfico em que ocorreu a discussão dos temas abordados com base nos autores como Paulo Freire (2005) e José Odelso Schneider (1991) bem como de um questionário aplicado aos associados e de sua posterior análise. Com base nas informações obtidas foi proposto um projeto que operado através de um agente articulador possibilita espaços de interação, discussão e envolvimento entre a cooperativa e seus membros e, conseqüentemente, gera uma propagação do ideário cooperativo e de suas doutrinas.

Palavras-chave: Educação. Educação Cooperativa. CESPOL.

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Motivos de associação	25
Quadro 2 – Uso dos benefícios da CESPOL	26
Quadro 3 – Conhecimento de direitos e atribuições	27
Quadro 4 – Participação em assembleia	28
Quadro 5 – Interesse em atividade de Educação Cooperativa	29
Quadro 6 – Tempo de associação	30
Quadro 7 – Conhece Presidente da CESPOL	30
Quadro 8 – Reconhecimento como associado	31

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Questionário aplicado aos alunos.....	30
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Educação	9
2.2 Educação Cooperativa.....	12
2.3 Reconhecimento	15
3 METODOLOGIA	17
3.1 A CESPOL	19
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	20
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	22
5.1 Efeito Carona	22
5.2 Educação Cooperativa.....	24
5.3 CESPOL.....	28
5.4 Identificação e reconhecimento do associado	29
6 PROPOSTA DE PROJETO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA ..	30
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO	37

1 INTRODUÇÃO

A educação é o mais importante elemento de formação para o cidadão, principalmente em virtude das possibilidades e oportunidades que pode proporcionar àqueles que a ela tem acesso. Da mesma forma ocorre com a educação cooperativa, que, através de suas práticas, pode proporcionar um melhor uso e conhecimento das atividades, procedimentos e investimentos que podem ser operados no sistema cooperativista.

O contexto cooperativo tem apresentado a sua preocupação em relação à pouca ou, até mesmo, inexpressiva participação do associado nas atividades de decisão e discussão das cooperativas que integram. Essa condição reduz a gestão democrática – um dos princípios do cooperativismo – e denuncia uma educação cooperativa frágil ou inexistente.

Assim, pode-se afirmar que o princípio Educação, Formação e Informação, além de se constituir como princípio, é o que viabiliza a consolidação dos demais princípios instituídos pelo cooperativismo mundial, ou seja, o processo de educação cooperativa é que respalda o interesse em integrar a cooperativa (Adesão voluntária), a participação na direção e gestão das atividades (Gestão democrática), a compreensão da importância do investimento econômico (Participação Econômica), o entendimento de que a cooperativa não possui vínculo ou interferência estatal ou governamental (Autonomia e Independência), a consciência de operar em conjunto com outras cooperativas (Intercooperação) e, principalmente, de beneficiar o ambiente em que atua (Interesse pela comunidade).

No Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria temos a presença da Cooperativa dos Estudantes do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (CESPOL). Essa cooperativa tem um papel fundamental na realização de atividades no ambiente escolar em que está inserida. A CESPOL iniciou as suas atividades com o objetivo de viabilizar a comercialização dos produtos produzidos e cultivados no curso Técnico em Agropecuária, porém, devido ao crescimento da cooperativa e à possibilidade de beneficiar a todos os alunos integrantes da comunidade escolar, ampliou a associação aos alunos dos demais cursos ofertados, além de auxiliar em inúmeras outras atividades realizadas pelo Colégio Politécnico da UFSM.

Porém, efetivamente, não existe a formalização de um programa de educação cooperativa sendo aplicado pela cooperativa. As atividades da cooperativa junto aos cooperados ainda estão vinculadas aos benefícios que a cooperativa proporciona, como auxílio financeiro para viagens e eventos, desconto na cartela de cópias, produtos com os logotipos dos cursos que são comercializados com valor relativamente inferior que no comércio em geral, brindes aos palestrantes de eventos organizados pelos cursos do Colégio Politécnico da UFSM¹.

Dessa forma, tem-se por objetivo apresentar uma alternativa de programa de educação cooperativa para a CESPOL que poderá, de alguma forma, utilizar parte das proposições apresentadas ou, até mesmo, verificar a possibilidade de empregar o programa na sua totalidade, se assim considerar pertinente e viável.

Ao considerarmos que a Educação é um processo contínuo e compreende uma reflexão sobre as práticas que são desenvolvidas e que o ambiente do Colégio Politécnico da UFSM em que a CESPOL está instalada proporciona a realização dessas atividades, pode-se pensar em um processo que ultrapassa aquele em que alguém detém o conhecimento e o transmite ao que é desprovido deste.

Assim, o processo de educação cooperativa proposto se construirá através de processos de troca de experiências e vivências que valorizem os indivíduos em suas particularidade, pois, conforme as ideias de Paulo Freire (2005),

o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não possa ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade. (FREIRE, 2005, p. 74).

Embora a gestão da CESPOL seja a responsável pelos espaços de comunicação com seus associados, não é a detentora de todo o conhecimento cooperativo ou da educação cooperativa, mas sim, será mediadora dessas intercomunicações. Portanto, é importante que o programa de educação cooperativa tenha um planejamento que compreenda esses momentos de discussão e que também seja autoavaliado ao longo do seu desenvolvimento para que não se distancie dos objetivos iniciais.

¹ Realidade vivenciada como integrante da Gestão 2013-2014 e associada participante das atividades da CESPOL desde 2011.

Sendo assim, crê-se que a pesquisa desenvolvida e a proposta de projeto apresentam uma relevante perspectiva à educação cooperativa no ambiente em que a CESPOL atua, ampliando a participação consciente dos seus associados, perpetuando e divulgando os princípios cooperativistas, possibilitando que a educação cooperativa e seus conceitos sejam internalizados por esses associados e também que reflitam em suas futuras práticas como cidadãos e profissionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação

A educação tem sido a principal ferramenta de transformação das desigualdades que vivenciamos, bem como o elemento que mais tem elevado os índices de desenvolvimento das sociedades. Dessa forma, a reflexão sobre educação e as suas práticas educativas são importantes e necessárias a todos os agentes que exercem alguma função no ambiente em que estejam presentes estudantes em formação.

É no ambiente escolar que ocorrem as maiores e mais significativas trocas entre os indivíduos, é o local em que os estudantes praticam os ensinamentos e valores aprendidos no ambiente familiar sem supervisão de pais e familiares, ou seja, é o espaço em que o aluno, agora autor de sua história, realiza as suas escolhas e define como se comportará no contexto escolar e como interagirá com os seus colegas, professores e demais pessoas com quem se relacionam no cotidiano escolar.

Nesse sentido, não podemos pensar o processo de ensino-aprendizagem somente no âmbito de sala de aula e, sim, ampliar para o contexto escolar que abrange inúmeros outros fatores além do binômio professor-aluno. Não é concebível que ainda tenhamos uma compreensão estreita do que é educação, portanto, torna-se imprescindível se pensar o processo de aprendizagem do ponto de vista da troca, sendo que esse deve ser realizado de forma dialógica entre aqueles que ocupam diferentes papéis.

No ambiente escolar, é importante reforçar que todos possuem as suas atividades, papéis e peculiaridades e, devem ser respeitados e valorizados por essas diferenciações, considerando que todos aprendem ao mesmo tempo em que ensinam, através das práticas sociais de convivência. Ao pensarmos mais especificamente no ambiente de sala de aula, não é possível que o processo educacional desconsidere que todos trazem algum tipo de conhecimento que deve ser observado, valorizado e considerado na troca de experiências, a fim de que se enriqueça todo o desenvolvimento do processo educacional. Segundo Freire (1996):

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *aprender*. Por isso, somos os únicos em que *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p. 69).

Esse é um dos itens fundamentais da prática da educação, a habilidade de aprender e transformar o desconhecido em conhecimento e não meramente uma informação a ser dita e repetida inúmeras vezes, “ensinar não é *transmitir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22). Faz parte da natureza humana a capacidade de transformar informações em conhecimento e, assim, ampliar as nossas relações e influenciar no ambiente em que atuamos.

Considerando o ambiente do Colégio Politécnico da UFSM, toma-se por pressuposto a pluralidade de experiências e variedade de realidades apresentadas pelos educandos do Colégio Politécnico da UFSM, já que a diversidade dos cursos ofertados resulta em atrair pessoas com os mais distintos interesses e com formações familiares, culturais, sociais e econômicas totalmente distintas, fator que, ao mesmo tempo em que se transforma em desafio, possibilita uma riqueza imensurável de trocas de experiência.

Essa realidade permite que o conhecimento compartilhado gere um ambiente cultural e social mais rico, ou seja, que essa diversidade cultural não seja um elemento de desigualdade social, mas sim uma oportunidade de desenvolvimento disponível a todos. Tem-se um ambiente que permite um pensar, ensinar e aprender mais crítico, com ênfase no respeito aos saberes diversos que foram construídos ao longo das experiências desses educandos, professores e demais atores sociais, em

que não é possível subestimar “o saber que ele traz consigo para a escola” (FREIRE, 1996, p. 64).

Através de uma educação consciente e crítica, é possível oportunizar o desenvolvimento de indivíduos que estejam melhor preparados para agir no contexto social, político e econômico em que vivem, sendo autores de suas vidas e não meros participantes. Segundo Freire,

a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*.” (FREIRE, 1996, p. 98).

Através da educação, temos a ferramenta que empodera os educandos, pois, ao mesmo tempo em que é capaz de reproduzir um modelo social vigente, é possível alterar um contexto de forma a diminuir desigualdades e ampliar a inclusão.

Nesse viés, o sistema cooperativo com suas características particulares, apresenta-se como uma interessante alternativa e, em um ambiente que tenha sido planejado para ampliar os espaços de aprendizado e troca entre os indivíduos, reside a possibilidade de uma concepção de educação mais ampla. No caso do ambiente escolar do Colégio Politécnico da UFSM, pode ser articulado, através da CESPOL, uma cooperativa de estudantes, a qual poderá desenvolver medidas que apresentem condições aos educandos de atuar no modelo cooperativista e alcançarem os seus objetivos de forma plural e coerente que, segundo Bourdieu (2004),

a proximidade no espaço social, ao contrário, predispõe à aproximação: as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao mesmo tempo mais próximas (por suas propriedades e suas disposições, *seus gostos*) e mais inclinadas a se aproximar; e também mais fáceis de abordar, de mobilizar. (BOURDIEU, 2004, p. 25).

Ações de educação, vinculadas aos princípios do Cooperativismo, podem gerar uma cultura de cooperação que busque a qualidade de vida e a promoção social do indivíduo, o qual está vinculado a sua atuação junto à família e à comunidade. Esse indivíduo é inserido nesse ideal que a Educação Cooperativa apresenta os ideais e princípios do cooperativismo e possibilita uma viabilidade de convivência salutar entre os aspectos sociais e econômicos, ou seja, estabelece uma alternativa de alcançar um melhor desenvolvimento social dos indivíduos

através de uma parceria estabelecida entre pessoas que possuem valores e objetivos comuns e não através da exploração ou de formas injustas de trabalho.

2.2 Educação Cooperativa

A educação cooperativa surge para divulgar os ideais do cooperativismo e permanece com a finalidade de propagar os valores cooperativistas, conscientizar cooperados e articular a compreensão dos princípios cooperativistas. A educação cooperativa apresenta-se como uma alternativa de vivência em meio a um ambiente excessivamente competitivo e egocêntrico em que se vive, condicionado por um modelo de consumismo e imediatismo.

Desde os Pioneiros de Rochedale, em especial por influência de Owen, até a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), compreenderam e compreendem a educação cooperativa como um conceito amplo, que abrange desde educação formal até a propagação da cultura cooperativista, referia-se a uma “educação para a cidadania, e ao treinamento em relação aos princípios e métodos da promoção cooperativa” (SCHNEIDER, 1991, p. 98). Para a ACI, o princípio da Educação, Formação e Informação compreende promover educação e treinamento para que todos os agentes contribuam efetivamente para o desenvolvimento das suas cooperativas. É o princípio responsável por informar ao público geral, em especial aos jovens, sobre a natureza e os benefícios da cooperação

co-operatives provide education and training for their members, elected representatives, managers, and employees so they can contribute effectively to the development of their co-operatives. They inform the general public - particularly young people and opinion leaders - about the nature and benefits of co-operation. (INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE, 2014).

A educação cooperativa, portanto, alcança a todas as pessoas estejam elas inseridas ou não no sistema cooperativo, o que vincula diretamente com o princípio de Interesse pela Comunidade, pois o sistema cooperativo em todo tempo se mobiliza em proporcionar melhorias no ambiente em que desenvolve as suas atividades. Internamente, ela promove desenvolvimento das ações dos participantes

do sistema cooperativo e, externamente, divulga os seus valores e princípios. Segundo Irion,

para elevar a cultura e a educação do universo cooperativista não basta a melhoria econômica dos associados nem a formação doutrinária, é preciso completá-la elevando o nível do conhecimento dos sócios, funcionários e inclusive familiares. Promover a cultura, a qualificação e a capacitação técnica, etc, são tão importantes como transmitir conhecimentos doutrinários. (IRION, 1997 p. 124).

A busca da educação cooperativa pode ser relacionada à ideia de educação libertadora ou revolucionária, apresentada por Paulo Freire (2005), que objetiva uma transformação, considera a educação um processo e busca desvincular-se da ingenuidade incentivando a reflexão. Dessa forma, a educação é pensada como uma alternativa de mudança, em especial em um ambiente em que se valoriza o mercado, o produto e a produção, em detrimento do humano.

Para tanto, é preciso considerar o outro de maneira especial, não cabe pensar de forma isolada e individual, é preciso conviver e se comunicar, “É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p. 77) e, nesse contexto, o responsável pela apresentação de determinado conhecimento precisa dialogar com seu público da forma mais aberta possível, a fim de alcançarem juntos, em parceria, os objetivos do processo educacional em que estão atuando.

Além da possibilidade de conquistar os seus objetivos, a educação cooperativa oferece a possibilidade de se sentir realizado pelas conquistas de outros sujeitos que atuaram em coletividade, motivados por necessidades em comum. Esse olhar de realização pela conquista do outro pode estar muito distante da nossa realidade, já que temos uma visão simplista e individual do nosso cotidiano, porém, é inegável a realização pessoal daqueles que tomam o crescimento dos seus semelhantes como uma conquista e uma realização próprias, pelo simples fato serem partícipes desses movimentos de mobilização.

Para a verdadeira educação cooperativa, deve visar-se mais do que à mera educação formal. É preciso saber o que e como um povo poderá aprender. (...) cada fase da experiência e da ação coletiva pode e deve ser um momento de aprendizado cooperativo, pois a educação cooperativa é um processo permanente, que transcende os limites da educação formal e institucionalizada que se realiza através da escola e da universidade. (SCHNEIDER, 1991, p. 111).

É primordial que os objetivos específicos de cada cooperativa sejam formulados e compreendidos por todos os agentes envolvidos, ou seja, a verdadeira educação cooperativa não se limita à transmissão de informações sobre o sistema e suas particularidades, mas também abarca uma construção coletiva fundamental para a construção da autonomia desses cooperados e do próprio Cooperativismo. A educação deve promover a reflexão, a discussão e a ação dos envolvidos de forma gradual e contínua, para despertar neles o interesse pela participação e, assim, transformá-los em agentes do próprio desenvolvimento (SCHNEIDER, 2003). Reconhecer os princípios que norteiam o cooperativismo elucida o papel de cada associado e, essa consciência da sua representação está intimamente ligada às atividades de educação cooperativa que

tem por tarefa principal promover a integração social e a participação ativa dos cooperados, ou seja, fazer com que eles intervenham de forma crítica na gestão do empreendimento e no usufruto dos produtos e serviços econômicos e assistenciais oferecidos pela instituição. (MENDES; PASSADOR, 2010, p. 3).

Para atuar de forma efetiva nos processos decisórios e na tomada de decisão das cooperativas que integram, os associados precisam ser alvos de um processo educacional, não nos moldes tradicionais de educação em que temos um sujeito detentor das verdades, que comunica saberes, os quais devem ser armazenados pelos ouvintes. Pelo contrário, a prática da educação cooperativa deve considerar espaços abertos à discussão, reflexão e construção coletiva de conhecimento, ou seja, uma “educação problematizadora se faz, assim, em esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo com que e *em que* se acham” (FREIRE, 2005, p. 82).

Somente assim, conforme Almeida e Souza (2006, apud MENDES; PASSADOR, 2010), ocorrerá o estreitamento e fortalecimento das relações entre gestores, entidades de apoio e cooperados. Além disso, a educação cooperativa ampliará as suas ações, considerando as condições ambientais, culturais, morais, sociais, bem como a ajuda mútua, vinculada à geração de renda, já que o cooperativismo busca alcançar a modificação do social através do econômico, ou seja, considera o associado como um indivíduo integral que deve se desenvolver integralmente.

2.3 Reconhecimento

As cooperativas devem proporcionar um espaço que sirva para solidificar a identidade de seus associados e, também, estabelecer a confiança destes e praticar valores coletivos. Valores esses que sejam construídos em conjunto e não apenas de forma individual, pois, no ambiente escolar e de formação profissional, é que os educandos colocando em prática todos princípios familiares que lhes foram transmitidos, já que o reconhecimento, que inicialmente foi vivenciado no âmbito familiar e emotivo, passa a orientar para uma concepção de direitos e na orientação comum de valores (HONNETH, 2003).

O espaço socializado da cooperativa o qual é compartilhado pelos associados, permite o exercício da cidadania e também uma busca por objetivos comuns e, nessa troca de experiências, os indivíduos constituem-se em seres mais conscientes de si e do ambiente em que atuam, o que proporciona autonomia, sendo essa uma “autonomia subjetiva do indivíduo” que, segundo Honneth (2003, p.158) “aumenta também com cada etapa de respeito recíproco”.

A necessidade de troca de experiência está vinculada ao caráter incompleto da humanidade, uma característica que, segundo Freire, só é percebida entre os humanos, ou seja, “só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 1996, p. 50). Dessa forma, é essencial a troca de diálogos e experiências entre os indivíduos, em especial, entre aqueles que estão em processo de formação. A gestão das cooperativas pode se utilizar dos aspectos subjetivos desse período, que é muito característico por ser um momento crucial da formação desse indivíduo, para consolidar os seus valores e princípios

usar as alegrias e as angústias como elemento motivador que gere participação e, conseqüentemente um indivíduo mais crítico e consciente de seu papel no ambiente em que atua já que a “assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros”. (FREIRE, 1996, p. 41).

Reconhecimento e formação de identidade passam por um processo de consciência de si e de seu papel no mundo, “minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História” (FREIRE, 1996, p. 54). Consciente das necessidade que possui e das limitações que precisa superar e

vinculado ao pensamento cooperativista de auxílio mútuo, os indivíduos passam a atuar em coletivo com o objetivo a fim de alcançarem os seus propósitos e obterem desenvolvimento integral.

Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (FREIRE, 1996, p. 18).

A consciência de si e a compreensão do outro propicia uma formação mais humanitária e, conseqüentemente, mais ampla e coletiva. O indivíduo deixa de considerar somente a si próprio e passa a considerar as particularidades dos outros como tão relevantes quanto as suas peculiaridades. A gestão social exercida pelas cooperativas é fundamental nesse processo, pois deve ter o objetivo de “gerar maior sentimento de pertencimento, de identidade dos associados com a cooperativa da qual fazem parte, alçando, desta forma, aumento de fidelidade e confiança”. (FERREIRA; AMODEO, 2008, p. 4 apud MENDES; PASSADOR, 2010, p. 4).

Assim, podemos evidenciar que a gestão social pode articular de forma eficiente processos e espaços de diálogos fundamentais no senso de pertencimento, identificação e participação entre os associados e sua cooperativa. De acordo com Carrion, a gestão social

veio para participar da construção de novas estruturas de participação e para facilitar o processo de edificação de comunidades de prática. E nesse sentido podemos afirmar que a gestão social introduziu uma verdadeira revolução simbólica no campo da gestão. Pensada enquanto espaço de luta política em defesa dos princípios de justiça, igualdade, respeito à diferença e à natureza, ela acena com a possibilidade de se consolidar um novo “agir comunicativo” no sentido habermasiano. (CARRION, 2012, p. 269).

Através das relações de comunicação, os indivíduos constituem-se e estabelecem conceitos comuns. Assim, eles poderão articular os seus interesses e trabalhar de maneira conjunta para alcançar melhorias e desenvolvimento coletivo, não apenas aos envolvidos diretamente nos processos cooperativos, mas também de forma a beneficiar e proporcionar crescimento aos que atuam e convivem com as cooperativas.

A evidente valorização do indivíduo, mediada pela comunicação, também está vinculada aos elementos financeiros e econômicos das cooperativas, já que o sistema cooperativo possui como valor básico o critério de um homem representar um único voto. Nesse contexto, o cooperado é considerado na sua individualidade e o poder de voto não está relacionado ao montante de capital investido ou à quantidade de ações que cada associado possui, um aspecto digno de destaque quanto à consideração pertinente a cada um dos cooperados, o que ocorre de maneira distinta nas instituições financeiras e empresas tradicionais, nas quais o poder de voto está diretamente relacionado ao poder econômico que cada sócio dispõe.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter aplicado, pois, além de buscar aprofundar conhecimento nas temáticas de educação e educação cooperativa, buscou aplicar a relevância dessas temáticas em um projeto de Educação Cooperativa para a cooperativa escolhida, ou seja, temos uma pesquisa interessada em “aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos”, conforme nos descreve Gil (2011, p.27).

É uma pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (1993), busca aprofundar a complexidade de um processo particular e específico em um grupo delimitado, ou seja, detém-se no contexto da CESPOL e observa a relevância de um projeto de educação cooperativa. Essa é a pesquisa qualitativa também no sentido que busca “construir crenças próprias sobre o fenômeno estudado” (SAMPIERI et. al., 2013, p. 36), sendo que elas estejam em conformidade com a realidade observada. Porém, apresenta dados quantitativos para reforçar e validar as proposições apresentadas, já que “ambas as abordagens são necessárias. Portanto, elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares”. (MINAYO, 1993, p. 240).

Quanto aos objetivos, essa é uma pesquisa exploratória, pois compreende um levantamento bibliográfico e aplicação de questionário, além de que, segundo Gil (2011), busca uma visão geral do tema analisado através de esclarecimento e delimitação. Já quanto aos procedimentos técnicos, o levantamento de dados que,

através da interrogação direta aos indivíduos, possibilitou acessar os dados para posterior análise qualitativa, com evidente economia e rapidez, além do conhecimento direto do contexto (GIL, 2011).

Como base da conceituação de Educação, utilizou-se Freire (2005, p. 81) com a concepção de que

a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

Em complemento ao ideário da educação, também utilizou-se o conceito de Educação Cooperativa de José Odelso Schneider (1991), sendo esse um processo que parte da educação em direção ao cooperativismo, ou seja, de um contexto amplo para um mais específico.

O processo de educação somado à educação cooperativa é fundamental para a identificação do associado como integrante da associação, ou seja, como elemento que constituiu a associação. Isso que nos evidencia a importância da participação e troca de experiências entre os associados e os associados e a gestão da cooperativa para consolidar essa identificação por parte dos associados em geral.

Buscou-se relacionar os conceitos apresentados com os dados obtidos através dos questionários e também da informação inicial² de que atualmente a CESPOL não aplica um projeto específico que desenvolva a Educação Cooperativa.

Os questionários foram aplicados aos cooperados, sendo que constituíram-se de uma questão de múltipla escolha e três perguntas abertas. Atualmente, o Colégio Politécnico da UFSM possui 1594 alunos regularmente matriculados³ e, desse total de alunos, 516 são associados da CESPOL⁴, sendo que 104 responderam ao questionário elaborado. Quanto ao projeto⁵ apresentado como proposta de viabilizar a Educação Cooperativa para a comunidade escolar, trata-se de um projeto de

² Realidade vivenciada como integrante da Gestão 2013-2014 e participante das atividades da CESPOL desde 2011.

³ Inclui-se nesse número os alunos das modalidades Ensino Médio, Ensino Pós-Médio – incluso alunos da modalidade à distância, Ensino Básico – incluindo alunos PRONATEC. Graduação e Pós-Graduação, dados provenientes do Portal da UFSM.

⁴ Conforme dados disponibilizados pelos bolsistas da CESPOL em 31 out. 2014, sendo esses disponibilizados com autorização da Prof. Coordenadora.

⁵ Projeto realizado na disciplina curricular Educação Cooperativa com o auxílio do acadêmico Cesar de Souza Genehr.

cunho qualitativo e de natureza aplicada, pois busca realizar atividades reflexivas junto aos associados. O projeto tem como metodologia de ação integrar os cooperados em atividades coletivas, realizar atividades esportivas para o quadro de associados, proporcionar espaços de reflexão, promover eventos e palestras, com a finalidade de motivar os cooperados nas suas atividades pessoais e profissionais e entrevistá-los, com a finalidade de que se autoavaliem.

É importante ressaltar a experiência como associado da CESPOL, que permite um “olhar de dentro”, como define André (2007), já que analisa “a experiência do próprio pesquisador ou em que o pesquisador desenvolve a pesquisa em colaboração com os participantes” (ANDRÉ, 2007, p. 122). Isso permite relacionar necessidades como cooperado e como gestor de uma organização cooperativa, situações que são inerentes à educação cooperativa.

3.1 A CESPOL

A Cooperativa dos Estudantes do Colégio Politécnico da UFSM foi fundada em 15 de abril de 1987 e, inicialmente, centralizava as suas atividades para os alunos do Curso Técnico em Agropecuária, curso que inclusive foi o precursor do Colégio Politécnico da UFSM.

Com as transformações vivenciadas no contexto escolar do Colégio Politécnico da UFSM, entre elas a ampliação de suas atividades educacionais ao ensino médio, demais cursos técnicos e, posteriormente, ao ensino superior, tornou-se necessário abranger as transformações inerentes ao Colégio Politécnico da UFSM para a CESPOL. Foi necessário que, essas transformações permanecessem se identificando e sendo identificadas como partícipes da formação dos educandos do ambiente do Colégio Politécnico da UFSM.

Com fins educativos e econômicos, a CESPOL é uma importante instituição que atua no ambiente escolar, para proporcionar uma melhoria no aproveitamento do educando através dos ensinamentos cooperativistas e do auxílio mútuo.

O aluno regularmente matriculado no Colégio Politécnico da UFS pode solicitar a sua associação na CESPOL, sendo esse o requisito para ingressar na associação e também uma necessidade gerencial da cooperativa. O cooperado poderá solicitar a sua demissão quando lhe for de interesse e terá suas cotas-parte restituídas conforme determinação do Estatuto.

As receitas da CESPOL são oriundas da venda de produtos agropecuários e dos produtos comercializados na sede da cooperativa, além de serviços prestados a terceiros⁶. As sobras da CESPOL estão distribuídas da seguinte forma: 10% para o Fundo de Reserva, 10% para o Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (FATES), 10% colocados à disposição da Assembleia Geral e 70% para o Fundo rotativo da cooperativa, destinado a promover o desenvolvimento da sociedade.

Esses dados comprovam a dedicação da CESPOL em promover o desenvolvimento da comunidade escolar em que atua e evidencia o comprometimento da cooperativa com o princípio cooperativista de Interesse pela Comunidade.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Foram entrevistados 104 alunos os quais estão ativos na CESPOL, sendo esses distribuídos nos cursos Técnicos em Agropecuária, em Agroindústria, em Administração, em Contabilidade, em Secretariado, em Informática, em Paisagismo, em Geoprocessamento e em Meio Ambiente, bem como alunos do Ensino Médio e dos cursos de Ensino Superior Sistema Internet, Gestão de Cooperativas e Geoprocessamento ofertados pelo Colégio Politécnico da UFSM. Para melhor abranger os associados, o questionário foi apresentado, entre os meses de agosto e outubro de 2014, nas salas de aula nos três turnos e, enquanto algumas turmas possuíram um número reduzido de associados, outras possuíram a maioria dos alunos já associados da cooperativa.

O questionário foi elaborado de forma semiestruturada, já que partiu de questionamentos básicos que interessam à pesquisa (TRIVIÑOS, 2011), e apresentou 8 questões que intercalaram perguntas abertas e fechadas. Com essas questões, buscou-se identificar elementos quanto ao 'efeito carona', a educação cooperativa, a identificação dos associados com a CESPOL e informações gerais, referentes ao tempo de associação e conhecimento de quem é a presidente atual.

Quanto ao motivo que levou os associados a se associar, 73 escolheram pelos benefícios e 38 associaram-se por indicação de algum professor. 14

⁶ Informações encontradas no Estatuto Social da CESPOL, sendo esses disponível aos cooperados.

associados responderam em ambas as opções benefício e indicação de professores: além das opções apresentadas, surgiram 7 respostas alternativas vinculadas a outro motivo de associação, entre elas estão: apresentação da CESPOL no Curso Agente de Desenvolvimento Cooperativista (PRONATEC), indicação de colegas, confiança no cooperativismo, ampliar e aperfeiçoar conhecimento em cooperativismo de alunos do Curso Gestão de Cooperativas.

O tempo de associação é variável. Enquanto temos alunos que estão associados há 4 anos, ou seja, desde o ingresso no Colégio Politécnico da UFSM, temos associados que realizaram a sua associação em questão de horas. Um dos entrevistados está associado há 5 anos, 5 alunos há 4 anos, 8 alunos há 3 anos, 22 alunos há 2 anos e 18 associados há 1 ano. Com associações mais recentes, temos o total de 47 associados, sendo que desses, 27 são associados entre 7 e 5 meses, 10 possuem associação entre 4 e 2 meses e 2 alunos associados há um mês. São 8 o número de entrevistados que possuem sua associação realizada no período entre 20 dias e poucas horas antes da realização da entrevista.

Quanto ao uso do benefício por parte do associados, 80 dos respondentes já usufruíram dos benefícios, enquanto 24 ainda não foram diretamente beneficiados pela CESPOL.

O reconhecimento e a identificação com a cooperativa compreende por parte dos entrevistados desde o ato da associação e a posse da carteirinha até a participação nas assembleias. Entre os associados, 81 se reconhecem como associados da CESPOL, enquanto 20 ainda não se identificam com a cooperativa, 3 associados deixaram de responder a essa pergunta.

Em proporções bastante próximas, estão as respostas quanto ao conhecimento de direitos e atribuições como associados. São 49 alunos que não conhecem os seus direitos e deveres em oposição aos 53 alunos que afirmam conhecer esses itens de sua participação como cooperados da CESPOL. Entre os direitos citados, destacam-se o uso dos benefícios disponíveis pela cooperativa, como desconto em cópias, auxílio em viagens e comercialização de produtos. Dois alunos deixaram de responder a essa questão.

Dos associados entrevistados, 35 conhecem a atual Presidente da cooperativa e 68 alunos desconhecem. Sobre a participação nas assembleias, 24 já participaram delas, enquanto 80 alunos não participaram, os argumentos da não

participação variam de desconhecimento da data da realização da assembleia até a falta de tempo e/ou interesse.

Ainda interligado ao interesse pessoal dos associados, temos 37 alunos interessados em participar de atividades de Educação Cooperativa em oposição a 14 alunos que não teriam interesse. Porém, 52 alunos manifestaram a possibilidade de participar das atividades de educação realizadas pela CESPOL.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

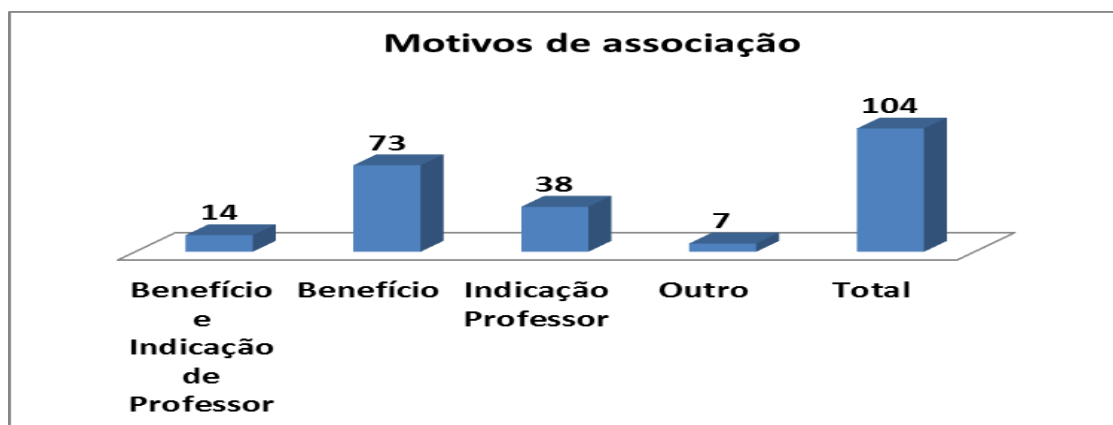
Para melhor analisarmos os dados coletados, foram estabelecidas categorias que possibilitam uma melhor observação e, conseqüentemente, uma melhor análise dos dados que foram coletados nos questionários respondidos pelos cooperados da CESPOL. As quatro categorias são efeito carona, educação cooperativa, CESPOL e identificação e reconhecimento do associado:

5.1 Efeito Carona

O chamado ‘efeito carona’ é um fenômeno que caracteriza situações em que ocorre um uso indiscriminado ou excessivo dos benefícios disponíveis, os quais foram conquistados, estabelecidos e consolidados por gerações anteriores (LAZZARINI). Esse efeito pode ser identificado quando grande parte dos novos associados não participou do processo de constituição da cooperativa, segundo Olson (1999 apud CANÇADO et al, 2012, p. 405), “os cooperados assumiram a perspectiva do Free Rider, que esperam colher os bônus sem ter de arcar com os ônus da própria participação”.

As questões 1 e 3 foram as escolhidas para evidenciar a presença desse ‘efeito carona’. A pergunta Por qual motivo você se associou à CESPOL? apresentava como alternativas o benefício em viagens/eventos, a indicação de professores ou outro motivo. Percebeu-se que dos 104 alunos entrevistados, 73 associaram-se buscando os benefícios da cooperativa, enquanto 38 por indicação

de professores. Deve-se considerar que essa indicação por parte dos professores, em muitos casos, ocorre pelo interesse em receber algum subsídio da CESPOL para participação em alguma viagem, evento e/ou congresso de suas áreas específicas de formação, ainda 14 associados foram motivados tanto pelos benefícios quanto pela orientação dos docentes. A porcentagem que relaciona essas respostas está representada no quadro abaixo,



Quadro 1 – Motivos de associação.

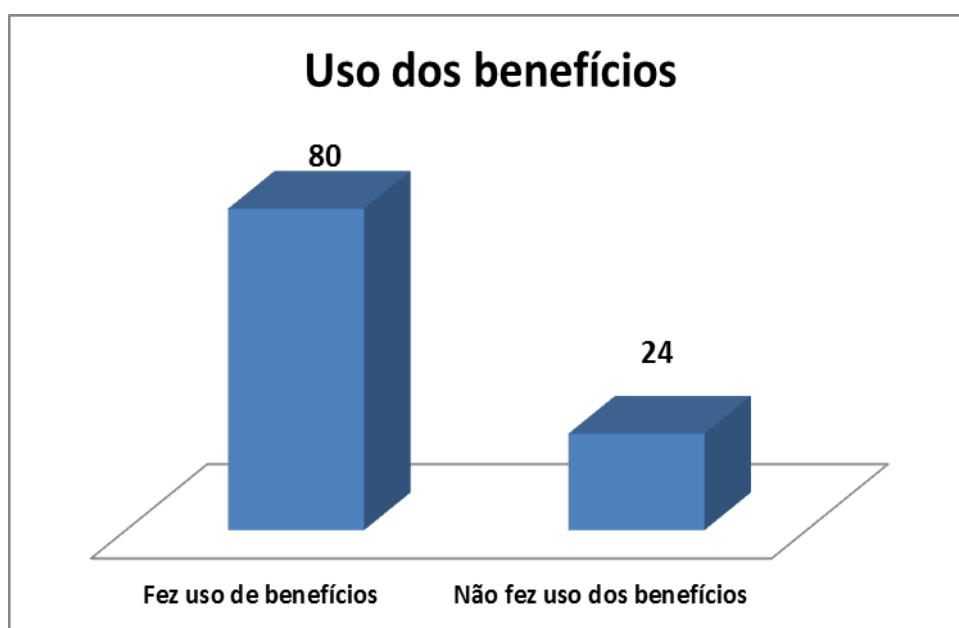
Os alunos que responderam que seus motivos foram distintos dos apresentados centraram as suas respostas em aperfeiçoar os conhecimentos do curso Gestão de Cooperativas, a apresentação sobre a CESPOL no curso Agente de Desenvolvimento Cooperativista, ofertado pelo PRONATEC, além de acreditar no sistema cooperativo. Em grande parte, percebemos que os alunos buscam a associação junto à CESPOL para que possam ter acesso aos múltiplos auxílios que ela disponibiliza, porém, é inegável que existe a procura e, de forma restrita às operações básicas, também existe uma participação. Um programa de educação cooperativa pode ordenar ações que vinculem essa participação e procura a processos educacionais de discussão, reflexão e consolidação dos princípios cooperativos.

Para a questão: 'Já utilizou os benefício oferecidos pela cooperativa?', os cooperados poderiam responder sim ou não. Esse questionamento está diretamente vinculado ao uso dos benefícios disponíveis pela CESPOL. Embora não ocorra uma

participação visível em assembleias, percebe-se que os associados participam ativamente quanto ao uso dos benefícios disponibilizados, ou seja

a natureza da participação cooperativa não se mede somente através de critérios quantitativos, como através de taxas de presença às assembleias gerais, eleição dos dirigentes, etc. (...) A participação às assembleias não é mais que uma participação formal, que se não é complementada com outras modalidades de participação, compromete apenas transitória e superficialmente o associado com sua cooperativa. (SCHNEIDER, 1991, p. 162).

Dessa forma, a busca por recursos da cooperativa com a finalidade investir na formação profissional através de participação em eventos, congressos, simpósio e apresentação de trabalhos acadêmicos também caracteriza uma participação nas atividades cooperativas, embora não se reflita em uma participação na tomada de decisões da CESPOL. A relação entre os alunos que já utilizaram os benefícios da cooperativa e os que ainda não usaram está representada no quadro seguinte.

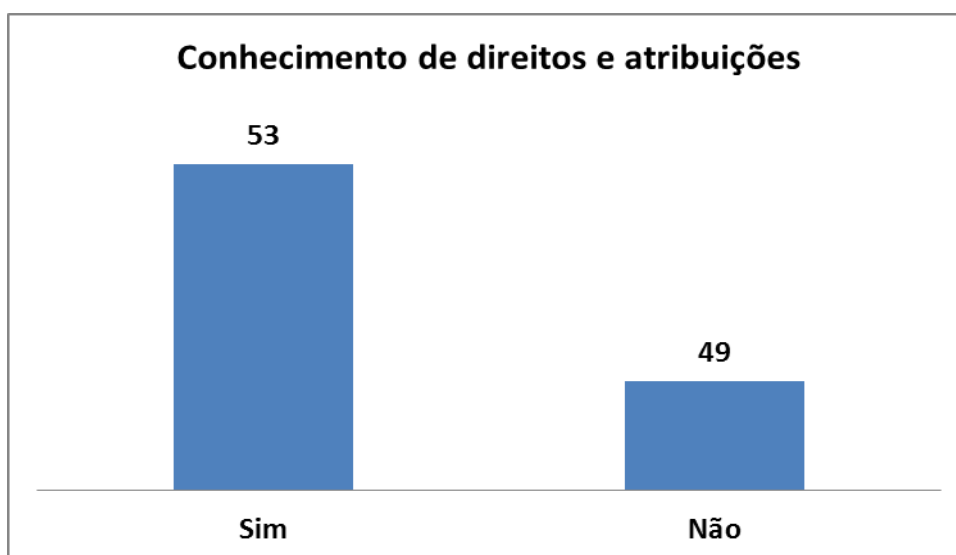


Quadro 2 – Uso dos benefícios da CESPOL.

5.2 Educação Cooperativa

A categoria educação cooperativa foi observada nas questões 5, 7 e 8. A pergunta ‘Você conhece as suas atribuições e direitos como sócio da cooperativa?’

apresentava como alternativa responder sim e quais atribuições e direitos eram conhecidos ou que desconhecia essas informações. Dois respondentes não responderam a essa questão. O quadro abaixo demonstra a relação entre os cooperados que conhecem ou desconhecem direitos e atribuições junto à CESPOL.

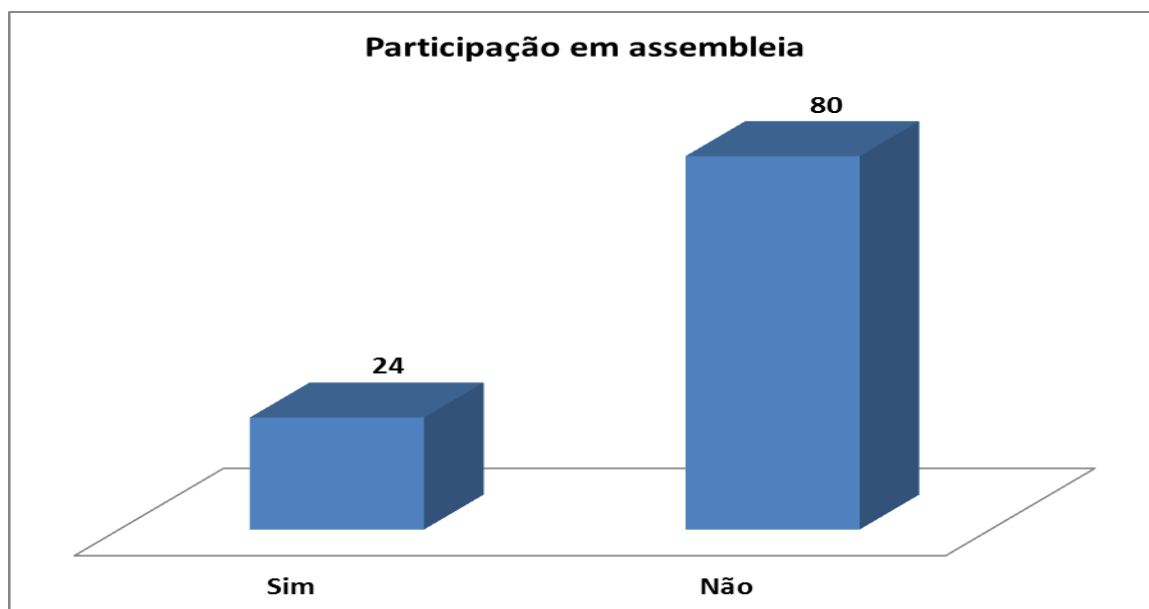


Quadro 3 – Conhecimento de direitos e atribuições.

Os associados apresentam um equilíbrio entre o conhecimento e o desconhecimento de seus direitos e atribuições. Porém, o efeito revelador está na discrepância entre as respostas, a maioria dos respondentes se detém em apresentar os direitos e, principalmente, limitam-se em descrever o direito de possuir a carteirinha, de comprar produtos na cooperativa, ter descontos na cartela de cópias e poder receber auxílio financeiro em viagens e eventos. Essas respostas demonstram que não existe consciência de seus papéis como participantes de um sistema significativo e gerador de valor aos indivíduos, o que evidencia a necessidade de ampliar as ações de educação cooperativa, já que segundo Cançado et al.,

a ampliação do princípio traz a perspectiva do desenvolvimento sustentável das cooperativas, pois em um ambiente no qual a cooperação é a exceção, faz-se necessário que os cooperados conheçam bem o empreendimento do qual participam. (CANÇADO et al, 2012, p. 411).

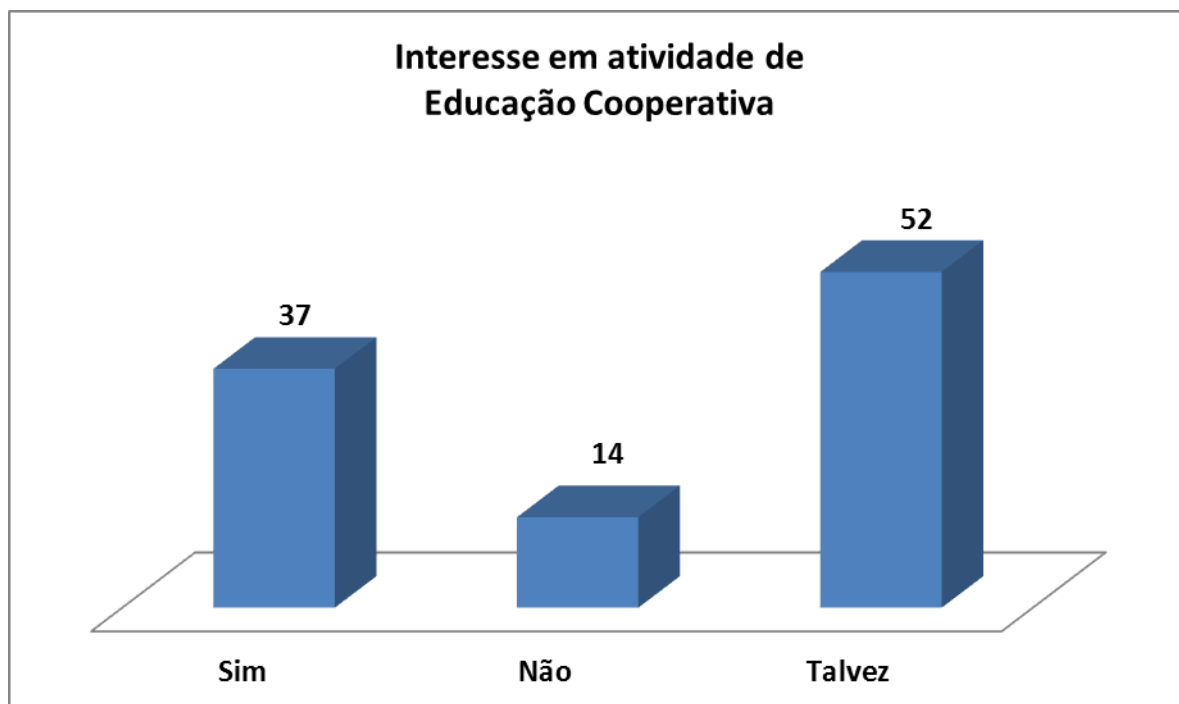
Para a questão ‘Você já participou de uma Assembleia?’, os cooperados poderia responder sim ou não e apresentar os motivos de sua participação ou ausência nas assembleias.



Quadro 4 – Participação em assembleia.

Percebe-se que é limitado o número de participantes nas assembleias da cooperativa. Segundo Cançado et al. (2012, p. 405). “se o principal instrumento de participação do cooperado é a assembleia e ele não comparece, a prática do princípio fica comprometida. Deve-se ressaltar, porém, que a assembleia não é a única maneira de exercer a participação”. Torna-se importante reforçar que um grande número dos alunos entrevistados realizou a sua associação após a realização da última assembleia geral e, que também os alunos não possuem interesse em permanecer no Colégio Politécnico da UFSM além de seu turno de aula, fator esse que restringe a participação dos associados em assembleias.

A interrogação definitiva para a apresentação de uma proposta de projeto de educação cooperativa para a CESPOL está vinculada à pergunta: Teria interesse em participar de atividades de Educação Cooperativa para compreender melhor o Cooperativismo e as atividades da CESPOL?, os respondentes poderiam responder que sim, não e talvez.



Quadro 5 – Interesse em atividade de Educação Cooperativa.

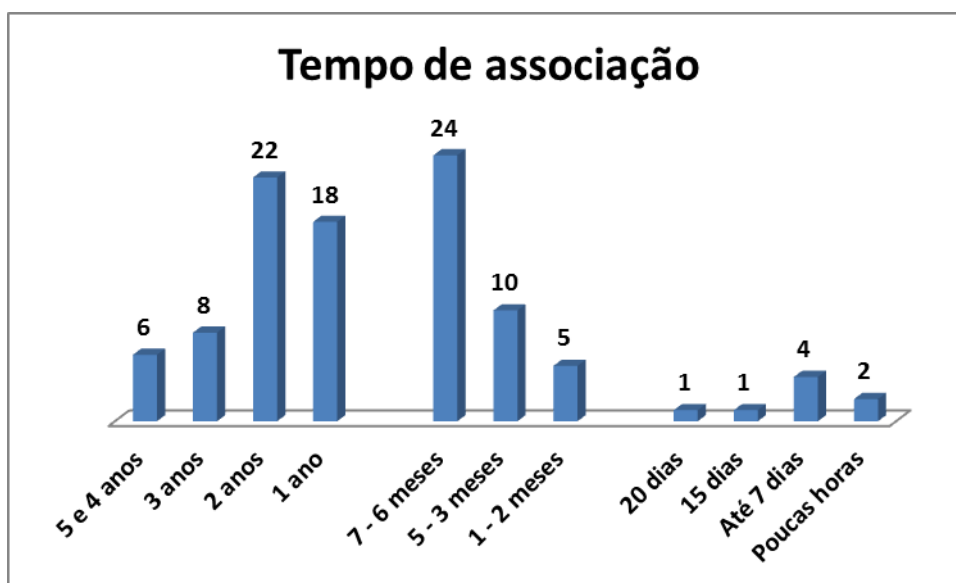
Podemos considerar como positivo o retorno em relação a futuras ações de educação cooperativa, já que “não é realista assumir que todos ou a maioria dos sócios se interessem efetivamente pela administração e o controle da cooperativa” (SCHNEIDER, 1991, p. 134). A condição é otimista, em especial, pelo alto índice de alunos que responderam “talvez”. É possível que esses alunos não tenham certeza de que consistem essas atividades, mas, mesmo assim, não descartaram a possibilidade de participação.

Acredita-se que a propagação e divulgação da ideologia do cooperativismo poderia inserir esses alunos na construção de ações coletivas que beneficiassem a todos, ou seja, efetivamente se desenvolveria a educação cooperativa que, segundo Schneider (2003) deve promover a reflexão, a discussão e a ação dos envolvidos de forma gradual e contínua para despertar neles o interesse pela participação e, assim, transformá-los em agentes do próprio desenvolvimento.

5.3 CESPOL

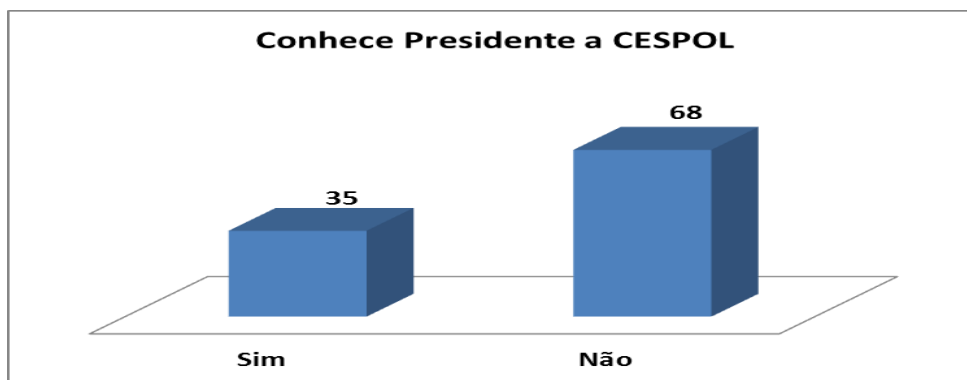
Essa categoria se refere ao tempo de associação e (des)conhecimento da Presidente da cooperativa, associados às questões 2 e 6. São informações básicas, mas importantes para esclarecer pontos de outras categorias, como por exemplo, a participação nas assembleias – já que as assembleias não ocorreram após a associação dos respondentes.

Na pergunta ‘Há quanto tempo você é cooperado da CESPOL?’, os períodos foram agrupados conforme ilustra o quadro abaixo, o que possibilitou uma interpretação mais significativa dos dados. É importante ressaltar que os associados que possuem menos de 5 meses de associação, compreendem os associados que não tiveram oportunidade de participar de nenhuma assembleia, o que relaciona esse dado coletado com a participação em assembleias.



Quadro 6 – Tempo de associação.

Os respondentes poderiam responder entre sim e não para a pergunta ‘Você sabe quem é a Presidente da CESPOL?’

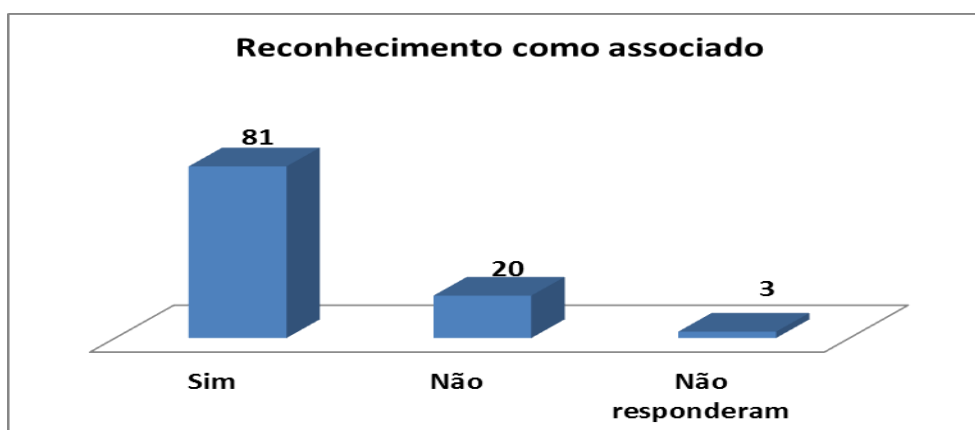


Quadro 7 – Conhece Presidente da CESPOL.

O desconhecimento da presidente da CESPOL por parte de aproximadamente 66% dos cooperados não deve ser fator de surpresa, já que a presidente concentra as suas atividades no turno noturno, possibilitando que parte dos associados que são alunos dos turnos manhã e tarde não a identifiquem. Porém, segundo Freire (1996, p. 135), “não há razão para me envergonhar por desconhecer algo”, mas sim que reconhecer que desconheço permite que se aproxime para o diálogo e, então, surja uma identificação e espaços de convívio e diálogo, estreitando relações entre gestores e associados.

5.4 Identificação e reconhecimento do associado

A pergunta ‘Você se reconhece como associado da CESPOL?’ poderia ser respondida com sim ou não, seguido do porquê desse reconhecimento ou irreconhecimento.



Quadro 8 – Reconhecimento como associado.

Essa pergunta tem uma relação estreita com o conhecimento de direitos e deveres e a compreensão dos princípios e valores cooepativistas. Em inúmeras cooperativas, os associados não se sentem donos da cooperativa, o que resulta em uma baixa participação e pouquíssimo envolvimento nos processos decisórios. Porém, o conceito de um homem, um voto, retoma a particularidade e individualidade do associado, pois, conforme Cançado et al. (2012, p. 417), “valoriza diretamente o trabalho e não o capital”. Schneider e Hendges afirmam que

entendem os autênticos cooperativistas que a consolidação de suas entidades, é fundamental, para poderem prestar cada vez mais e melhores serviços a seus associados, satisfazendo a suas necessidades, colaborando na construção de uma vida digna e na afirmação de uma cidadania ativa e participante, que atue como protagonista no desenvolvimento local e sustentável. (SCHNEIDER, HENDGES, 2006, p. 34).

A participação ativa, o exercício da cidadania, a consciência identitária e vivência das práticas cooperativistas serão realidade nas ações cotidianas dos cooperativistas, a partir do momento em que eles se perceberem, identificarem e reconhecerem como sujeitos ativos da sua realidade e responsáveis pelas mudanças que buscam para a coletividade que lhes é pertinente.

6 PROPOSTA DE PROJETO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA

Uma alternativa de rápida execução seria a articulação e organização dos associados, ou seja, o quadro social, com base nos modelos nucleados utilizados amplamente pelas cooperativas agrícolas, que consiste na eleição ou indicação de representantes que participam de ações junto à Direção da cooperativa. Essa organização se constitui em elemento positivo e efetivo na participação dos associados que, no caso da CESPOL, poderia ser um aluno de cada turma ou alguns representantes de cada curso, os quais participariam de reuniões com a direção e a professora coordenadora.

Essa seria uma ferramenta que permitiria ajustar os interesses dos associados com suas peculiaridades relativas aos seus cursos e da cooperativa, ou

seja, seria necessário adequar a Organização do Quadro Social à realidade da CESPOL que, segundo Flávio Eduardo Gouvêa Santos,

a implantação de um Projeto de Organização do Quadro Social é um grande desafio para as cooperativas que querem investir nesta área. Mas, se quisermos ser efetivamente “cooperativa”, precisamos encontrar formas de comprometer o quadro social com o futuro da mesma. O primeiro passo é mudar a cultura interna da cooperativa, buscando a participação de todos. Precisamos, para isso, avaliar a forma como estamos trabalhando, explorando idéias que aperfeiçoem o trabalho integrado, bem como, buscar instrumentos para solidificar o empreendimento cooperativo. (SANTOS, p.32).

Para a organização do quadro social de forma nucleada, seria de grande importância a figura do AGENTE ARTICULADOR, agente de desenvolvimento humano, segundo Andrea Sayar em reportagem da Revista Saber Cooperar (2013, p. 30), “esta é uma figura essencial para apoiar os membros dos núcleos, convocando, comunicando, registrando e disseminando os resultados das reuniões”, pois esse seria o elo entre os associados, a comunidade escolar, a direção da cooperativa e a direção do Colégio Politécnico da UFSM. Comitês educativos que busquem refletir o seu valor como associado e a sua responsabilidade.

É importante que se considere a possibilidade de contratar os serviços desse agente, seja como um estagiário ou funcionários, para que ele tenha a possibilidade de vincular os seus conhecimentos técnicos e teóricos com uma prática adequada aos princípios do cooperativismo. O fator remuneração é relevante, já que pelo perfil dos acadêmicos desse curso, em sua maioria, são pessoas que trabalham e necessitam dessa atividade para seu sustento, ou seja, não temos uma parcela significativa de acadêmicos que apenas estudam. Além desse aspecto, é importante destacar que, na gestão atual e na anterior dessa cooperativa, ou seja, gestões 2013-2014 e 2014-2015, apenas um integrante das equipes não exercia atividades empregatícias, o que dificulta em muito o contato com os associados, a realização de atividades diferenciadas e uma sondagem das necessidades apresentadas e propostas pelos associados da CESPOL.

Portanto, esse agente articulador teria como objetivo principal das suas atividades planejar, articular e executar as atividades do projeto de Educação Cooperativa, aliando teoria e prática na obtenção dos objetivos dos associados e também da cooperativa.

A presente proposta busca propiciar aos associados da CESPOL espaços de reflexão sobre as práticas relacionadas à participação e cooperação junto à CESPOL, oportunizar a identificação e o reconhecimento dos associados como participantes de um processo de crescimento coletivo, além de integrar os objetivos da cooperativa com os interesses dos associados, bem ao estilo da proposta de autonomia de Freire “centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 107).

Esse envolvimento pretende que os associados percebam a importância da sua participação e colaboração no desenvolvimento das atividades realizadas pela CESPOL, para que assim a instituição alcance o objetivo de colaborar para a formação de cidadãos mais conscientes das suas responsabilidades, deveres e direitos, e que possam influenciar positivamente no ambiente em que atuam e divulgar os princípios de cooperação.

No aspecto social, a proposta tem interesse em auxiliar no desenvolvimento de uma cultura de participação junto aos associados da CESPOL objetivando a construção de uma comunidade motivada, participativa e consciente de sua importância no processo de desenvolvimento das atividades da cooperativa que integram.

Entre as atividades a se desenvolver estão:

- organizar palestras voltadas aos interesses dos alunos do Ensino Médio, aos técnicos do turno da tarde e dos alunos do turno noturno;
- planejar, organizar e divulgar oficinas de Oratória;
- planejar atividades de integração entre os associados;
- organizar atividades esportivas que integrem os associados e a comunidade escolar;
- planejar sessões de filmes.

Quanto às associações, elas poderiam ocorrer em dias e horários alternados, que atendam às particularidades dos diferentes cursos dos alunos, com uma palestra simples, que abordasse aspectos básicos do cooperativismo, da CESPOL, do Estatuto e Regimento da cooperativa. Dessa forma, minimamente, os associados estariam cientes das especificações das atividades da CESPOL, bem como de seus direitos e deveres junto à associação.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os dados coletados conduziram à relevância da execução de um projeto de Educação Cooperativa que solucionaria lacunas identificadas nas respostas ao questionário elaborado e desenvolvido. O projeto e suas ações proporcionariam uma melhor compreensão do sistema cooperativo, de uma cooperativa escola, dos direitos e deveres dos associados e da importância de sua participação, o que reduziria a participação meramente pelos benefícios que a CESPOL proporciona a seus associados e ampliaria a identificação dos associados. Assim, teríamos a cooperativa gerando significado relevante aos agentes que atuam no contexto do Colégio Politécnico da UFSM.

Embora esse processo compreenda várias etapas e muitas peculiaridades, é relevante considerarmos a utilização de um projeto de educação cooperativa no Colégio Politécnico da UFSM, voltado aos cooperados da CESPOL, bem como à comunidade escolar. Um dos grandes diferenciais é que o Colégio Politécnico da UFSM recebe alunos de inúmeras cidades os quais, posteriormente, tornam-se alunos de outros cursos de graduação da UFSM ou, que retornam as suas cidades de origem, o que reflete em uma repercussão imensurável que teremos no cenário cooperativo da região e do Estado, devido à propagação dos ideais e valores cooperativistas através de indivíduos conscientes.

A integralidade da formação desses alunos, que não se limitará ao conhecimento formalizado proposto pelas disciplinas curriculares, refletirá nas suas ações futuras, que se pretende tenham um olhar mais coletivo. Conforme Freire (1996, p. 77), “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas”, ou seja, o aluno é partícipe de um processo de extrema relevância na sua formação profissional e também na sua formação pessoal como indivíduo social e histórico.

Portanto, o presente trabalho mesmo que pensado para a realidade da CESPOL pode ser utilizado para demais cooperativas e cooperativas-escola que tenham interesse nas considerações apresentadas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. Revista Eletrônica de Educação. São Paulo, V. 1, Nº. 1, set. 2007. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6>. Acesso em: 05 set.2014.

BOURDIEU, P. **Razões práticas sobre a teoria da ação**, 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

CANÇADO, Airton Cardoso. Movimento e Princípios Cooperativistas: Evolução e Reflexões para novos estudos em gestão social. In: CANÇADO, A. C.; TENÓRIO, F. G.; SILVA, J. T. (Org.). **Gestão Social: Aspectos teóricos e aplicações**. Ijuí: ED. Unijuí, 2012. 391 – 421.

CARRION, Rosinha Machado. A contribuição da gestão social para o desenvolvimento. In: CANÇADO, A. C.; TENÓRIO, F. G.; SILVA, J. T. (Org.). **Gestão Social: Aspectos teóricos e aplicações**. Ijuí: ED. Unijuí, 2012. 261 – 272.

COOPERATIVA-ESCOLA DOS ESTUDANTES DO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM POLITÉCNICO DA UFSM-CESPOL. **Estatuto Social**. Santa Maria, 2011. 21 p. Impresso.

DECISÃO cooperativa. **Saber Cooperar**. Brasília. Ano IV, n. 10, p. 28 – 31. Mai./Jun. 2013.

FOWLER Jr., Floyd J. **Pesquisa de levantamento**. Porto Alegre: Penso, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 13ªed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HABERMAS, Jurgen. **Teoría de la acción comunicativa, I e II**. 4 ed. Santafé de Bogotá: Taurus, 2003.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE. **Co-operative identity, values and principles**. Brussels, 2014. Disponível em: <http://ica.coop/en/whats-co-op/co-operative-identity-values-principles>. Acesso em: 10 nov. 2014.

IRION, João Eduardo Oliveira. Cooperativismo e economia social. São Paulo: editora STS, 1997.

MENDES, M. M.; PASSADOR, C.S. Educação cooperativista, participação e satisfação dos cooperados: verdades incertas. In: I Encontro Brasileiro de Pesquisa em Cooperativismo, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: OCB, 2010.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? CAd. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Artigos Científicos**: como redigir, publicar e avaliar. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, M.P.B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Flávio E. G. **Organização do Quadro Social nas cooperativas**. Belo Horizonte: SESCOOP/MG, 2010.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia-participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo: UNISINOS, 1991.

SCHNEIDER, J. O. Pressupostos da educação cooperativa: a visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP. 2003. p.13-58.

SCHNEIDER, José Odelso; HENDGES, Margot. Educação e Capacitação Cooperativa: sua importância e aplicação. **ESAC Economia Solidária e Ação Cooperativa**. São Leopoldo, v.1, Nº. 1, Jul/dez. 2006.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Indicadores**. Santa Maria, 2014. Disponível em <http://portal.ufsm.br/indicadores/select/6>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ANEXO

Anexo A - Questionário

Por qual motivo você se associou à CESPOL?

() benefício em viagens/eventos

() indicação de professores

() outro motivo

Há quanto tempo você é cooperado da CESPOL?

Já utilizou os benefícios oferecidos pela cooperativa? () Sim. () Não.

Você se reconhece como associado da CESPOL?

() Sim. Por quê?

() Não. Por quê?

Você conhece as suas atribuições e direitos como sócio da cooperativa?

() Sim. Quais?

() Não.

Você sabe quem é a Presidente da CESPOL? () Sim, () Não.

Você já participou de uma Assembleia? () Sim. () Não. Por quê?

.....

Teria interesse em participar de atividades de Educação Cooperativa para compreender melhor o Cooperativismo e as atividades da CESPOL? () Sim. () Não. () Talvez.

OBS.:

.....